

MERCADO: NEM LÁ NEM AQUI.

Em disputas eleitorais do passado o grito de guerra do PT era: Lula lá, Olívio aqui. Num primeiro momento deu Olívio aqui e falhou Lula lá. Na última disputa eleitoral Lula foi para lá e Olívio saiu literalmente daqui pois Tarso Genro, candidato do PT e da situação, perdeu a eleição aqui. A oposição, que bradava – nem lá, nem aqui – às vezes perdeu lá e às vezes ganhou aqui. No entanto, para o futuro, os augúrios do mercado e a pitonisa dos negócios, profetizam que o PT, não vencerá nenhuma eleição, nem lá e nem aqui. O PT não ficará, como no passado e agora no presente, como um Saci, ora com um pé aqui, ora com um pé lá. É que o PT, certamente por um ranço cripto-marxista-leninista, aqui e lá, era e continua sendo, intelectualmente e de fato, contra o mercado. Esta é uma questão doutrinária que traça, por sua vez, os caminhos da práxis partidária e dos lineamentos aplicáveis aos governos do PT, seja lá ou seja aqui. Funciona como axioma imprescindível à caracterização ideológica do PT e ainda como cabeça de ponte de onde partia e parte o centro da contestação ideológica à oposição que atroava o brado nem lá, nem aqui. Contestando esta mesma oposição que, por opção ideológica, queria mercado lá e aqui, o PT, hoje ocupando o Planalto Central, detona, diuturnamente, o mercado lá e aqui. Faz isto com grande sofreguidão pois não se contenta somente com a destruição do mercado interno, pois destrói, através de suas políticas macro-econômicas, concomitantemente a possibilidade do mercado externo. Sem mercado, nem lá, nem aqui, estamos rumando para o afunilamento que leva ao fundo da estagnação e da depressão econômica que poderá, fatalmente, nos tornar, novamente, a bola da vez.

Destrói o mercado interno, aqui, através da política macro-econômica recessiva que estabelece metas inflacionárias através da manutenção da taxa Selic, determinada pelo Copom e que tem se refletido no incremento mais e mais dos juros reais. Pela confluência da política do Banco Central que enxugando em 25% a base monetária (meio circulante) no prazo exíguo de cinco meses concatenou este meio com o aumento de 45% para 60% de recolhimento dos depósitos à vista para o Banco Central, causando a anemia que reteve a oferta monetária vindo a ocasionar, por sua vez, o encarecimento financeiro das operações de crédito, com todo o acompanhamento recessivo que é de se esperar de uma política deste jaez.

Ora, este tipo de política monetária, acompanhado das sinalizações que se referem à reforma previdenciária e reforma tributária, condimentos imprescindíveis para a adoção da política de terceira via - nos moldes do receituário preconizado por Anthony Guiddens, guru de Tony Blair e diretor da London School of Economics and Political Science, onde recentemente o Exmo. Sr. Presidente fez uma public lecture - detona nosso negócio para lá, o exterior – em virtude da queda do dólar que faz com que os exportadores não tenham mais as vantagens comparativas obtidas através da política do *beggar- thy-neighbor* (política de empobrecimento do vizinho) através do dumping monetário causado pelo baixo valor cambial da moeda nacional.

A constatação do estrangulamento em forma de pinça, tanto do mercado externo, como do interno, tanto lá como aqui, é uma certeza disseminada entre acadêmicos e operadores do mercado, baseada nas estatísticas que atestam a situação de asfixia da economia que se retrata nos baixos níveis de consumo, na capacidade ociosa das empresas, na inércia dos estoques que se avolumam e no incremento do desemprego e da inadimplência. Ora, qualquer criança sabe que um ser ou respira pelo nariz ou respira pela boca e que se taparmos a ambos a morte por asfixia é certa. No entanto o PT entronado lá, da forma que governa a economia e o país, não permite que o Brasil respire, nem aqui nem lá. Em breve, com as reservas cambiais reduzidas a dezessete bilhões de dólares e a queda drástica do investimento externo – a alta taxa da selic desviou o investimento das bolsas para títulos do governo – detonará, aqui e lá, o governo e o país, levando com eles seu quociente eleitoral. SÉRGIO BORJA – PROFESSOR DE CIÊNCIA POLÍTICA